

A COBERTURA ESPECIALIZADA E AS CONTRADIÇÕES NA UTILIZAÇÃO DE JORNALISTAS OU EX-ATLETAS NAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

Miguel Rodrigues Netto¹

RESUMO

Este artigo busca demonstrar como cada vez mais presentes nas transmissões esportivas, os ex-atletas têm ocupado um espaço que antes era restrito a jornalistas das editorias de esportes. Porém a experiência obtida durante suas carreiras, nem sempre é suficiente para que estes profissionais adquiram a capacidade de transmitir informação de qualidade para o público. O objetivo do presente estudo é justamente discorrer sobre as diferenças das duas categorias de profissionais e argumentar sobre qual possui mais qualidade na elaboração do comentário esportivo seja na TV aberta onde predominam os ex-atletas, seja na TV fechada onde predominam os jornalistas esportivos. A escassez de artigos comparativos entre as duas categorias de comentaristas esportivos tornam o trabalho um importante referencial sobre a qualidade do comentário esportivo nas transmissões esportivas nacionais.

Palavras-chave: Ex-atletas – Jornalistas esportivos – comentário esportivo

RÉSUMÉ

Cet article vise à démontrer comment de plus en plus présente dans les retransmissions sportives, d'anciens athlètes ont occupé un espace qui était auparavant limitée à la rédaction de journalistes sportifs. Mais l'expérience acquise au cours de leur carrière, ne suffit pas toujours que ces professionnels acquièrent la capacité de transmettre de l'information de qualité au public. Le but de cette étude est de discuter précisément les différences entre les deux catégories de professionnels et argumenter sur qui a plus de qualité dans la préparation de l'examen est dans les sports de télévision dominés par d'anciens athlètes, que ce soit à la télévision fermé dominé par les journalistes sportifs. La rareté des articles comparant les deux catégories de commentateurs font travailler une référence importante sur la qualité des commentaires sur les émissions sportives nationales sportives.

Mots-clés: ex-athlètes – journalistes sportifs – commentaire sportif

Introdução

Quem acompanha o noticiário esportivo pode pensar que escrever ou falar sobre esportes, é um assunto fácil, menos complexo que política ou economia por exemplo.

¹ Jornalista. Mestre em Política Social. Professor das disciplinas de Redação Jornalística, Teoria da Comunicação e Jornalismo Especializado na Faculdade de Sinop – FASIPE/MT.

Talvez essa ideia venha do fato da mensagem apresentar-se com uma rigidez menor, mais solta, menos “engessada” que outras editorias jornalísticas.

Por tratar-se de um assunto conhecido por muitos e que atrai a atenção de grande parte da população, o esporte é visto como um mero entretenimento, um espetáculo que atrai as massas. Apostando nessa peculiaridade da espetacularização do esporte que as emissoras de TV estão utilizando cada vez mais a figura do ex-atleta na função de comentarista esportivo em detrimento de jornalistas especializados no tema. Porém enquanto na TV aberta os ex-atletas encontram grande aceitação, o mesmo não acontece nos canais de TV por assinatura, que em quase sua totalidade utilizam-se de jornalistas especializados em esporte em suas transmissões.

É a respeito dessa diferença de visão jornalística no esporte entre as TV’s aberta e fechada que trata a presente pesquisa. A presença jornalistas acrescenta mais qualidade na programação esportiva em comparação com ex-atletas que atuam como comentaristas? A pesquisa intitulada busca responder o seguinte questionamento: Jornalista x Especialista: quem acrescenta mais qualidade a transmissão esportiva?

No decorrer da pesquisa procurou-se conceituar a função do comentarista esportivo, e apontar as diferenças básicas na construção do discurso do ex-atleta alçado a função de comentaristas, e do jornalista que buscou a especialização nessa editoria.

História da televisão no Brasil

A partir da década de sessenta, a popularização da televisão, assim como todos os outros veículos de comunicação de massa, foi bastante impulsionada pelo golpe militar de 1964. O incentivo para esse crescimento dos meios de comunicação de massa teve como finalidade difundir a ideologia militar do governo na época.

Nas décadas seguintes a televisão adquiriu mais e mais importância na vida dos brasileiros, e, aliada, ao o crescimento da economia, foram suportes fundamentais para o aumento considerável na venda de televisores no país. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2007, o percentual de televisores nos lares brasileiros subiu de 74% em 1992, para 94,8% em 2007. Um crescimento que se deu não só no número de aparelhos vendidos, mas também na

relevância do veículo para a sociedade brasileira. Hoje, “O espaço público começa e termina nos espaços públicos postos na televisão” (Bucci,1997, pág.27)

História da TV por assinatura

A história da TV por assinatura tem seu início nos Estados Unidos ainda na década de 40, onde pequenas comunidades no interior do país com dificuldades de captar o sinal da TV aberta começaram a instalar antenas de alta sensibilidade. No Brasil, segundo a Associação Brasileira da Técnica Alexander (ABTA), o processo começou há mais de quarenta anos em função da necessidade de fazer com que o sinal das emissoras de televisão da na cidade do Rio de Janeiro, chegassem com boa qualidade de som e de imagem às cidades de Petrópolis, Teresópolis, Friburgo e outras, situadas na Serra do Mar.

Foi anos 80, que aconteceram no Brasil as primeiras transmissões efetivas de TV por assinatura, com as transmissões da CNN, com notícias 24 horas por dia, e da MTV, com videoclipes musicais. Esses canais foram o embrião para a implantação do serviço de TV por assinatura no país.

A partir da década de 90, foi a vez dos grandes grupos de comunicação ingressarem no setor, investindo em novas tecnologias. A Globosat foi a primeira programadora a atuar no Brasil criando quatro canais: o GNT, o Top Sports, o Multishow e o Telecine. Depois foi a vez de outras empresa importantes como grupo Abril, a RBS e o Grupo Algar.

Mesmo com o aumento significativo de canias a cabo, até meados da década passada, a TV por Assinatura no Brasil ainda era para poucos. O alto custo da mensalidade e a oferta dos serviços atingia número bastante reduzido de cidades. O novo tipo de TV era um privilégio para poucos. Segundo estatísticas da Agencia Nacional de Telecomunicações, em 1994 haviam apenas 400 mil assinantesde TV a cabo, mas em 2001 já se registravam 3,5 milhões, um crescimento de 750% em seis anos. Ainda, segundo a Anatel, até março de 2001 este número tinha ultrapassado os 10 milhões de domicílios (Anatel - Março 2011). A TV por Assinatura no Brasil está presente em cerca de 19% dos domicílios com televisão no país. (Fonte: Base de Assinantes Anatel Fevereiro 2011 e EDTV 2011).

Qualidade na notícia esportiva

O jornalismo esportivo é uma atividade segmentada realizada dentro de um contexto maior, que é o jornalismo como um todo. Portanto os princípios e regras deveriam ser os mesmos do jornalismo em geral. Mas na prática, o jornalismo esportivo possui um universo particular. O jornalismo cultua o herói, revela ídolos, mexe com merchandising, vende publicidade, cria mecanismos para “bisbilhotar” a vida dos atletas, faz julgamentos, avaliações de fatos inusitados, de relações que são estabelecidas no dia-a-dia esportivo e principalmente especulações.

BRITOS e ANDRADE defendem que o esporte, e consequentemente o futebol são tão importantes quanto as outras editorias jornalísticas, por isso:

[...] é indispensável tratá-lo com a mesma seriedade dispensada a outras editorias, que tendem a não dar espaço de opinião para palpites mal informados. Um caminho para o jornalismo esportivo ser levado a sério é a aposta em profissionais competentes para emitir opinião com qualidade e em bom português. Não havendo este tipo de profissional, quem perde é o público, que não pode cobrar qualidade de quem não está preparado para oferecê-la (Britos & Andrade, 2008).

Em sua dissertação de mestrado Patrícia Rangel Moreira defende que o comentarista não deveria envolver-se emocionalmente com o jogo, como acontece frequentemente com ex-atletas em relação a seus antigos clubes. Para Patrícia cabe ao comentarista descrever exatamente aquilo que está vendo, acrescentando informações de forma didática ao espectador.

O comentarista tem a função de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe de forma diferenciada o jogo. Ele deveria ter uma área de credibilidade não se envolvendo em disputas emocionais, sem conteúdo, que, ao invés de enriquecer a transmissão, empobrece (...). Seu conteúdo deveria ser passado de uma forma simples e didática para o torcedor. Mas muito do que se vê hoje na televisão e no rádio é aquele que finge ser contundente ou indignado com o andamento da partida ou fato ocorrido. Neste caso, o comentarista corre o risco de virar um grande personagem (Rangel, 2008).

Quanto a necessidade de formação na área jornalística, para dar credibilidade a editoria de esportes, o jornalista Diogo Oliver, no livro *nos bastidores do jornalismo esportivo*, é enfático: “O diploma é importante sim. Leve seu filho, pai ou amigo(a) para um médico sem diploma tratar um enfisema pulmonar para ver no que dá”.

Para o jornalista venezuelano Eumar Esa, o jornalista especializado em esportes, precisa possuir um conhecimento generalista de todas as outras áreas da profissão, para agregar qualidade a notícia esportiva. Daí a importância da formação acadêmica em detrimento do simples conhecimento técnico e segmentado de alguma modalidade esportiva.

O jornalista esportivo está obrigado a ter um conhecimento técnico do que pode prescindir em qualquer das outras áreas: o conhecimento de idiomas, e de novas tecnologias, que acaba se convertendo em um fator muito importante para o correspondente de esportes, mais que para qualquer outra área. Sem contar que é preciso ser muito versátil. Um correspondente de guerra, por exemplo, tem um background específico sobre determinado conflito. Um jornalista esportivo nos Jogos Pan-Americanos deve ter conhecimentos mais que básicos desde o nado sincronizado até o basquete”. (Linhares, Marcos, 2006, pág. 51)

Com relação à especialização, Coelho afirma que:

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes (COELHO, 2003, p. 36).

O futebol é a grande paixão nacional, de alguma maneira todos estamos envolvidos, e até mesmo para os comentaristas esportivos é difícil passar incólumes do contágio do vírus da bola. Mas se até os comentaristas esportivos são suscetíveis a paixão por determinada agremiação clubística como evitar que esse sentimento interfira em uma avaliação analítica? Edilson Luiz da Silva (autor do artigo Até onde a mídia pode ser responsabilizada – em 18/8/2009) acredita que: “Um analista, com diploma ou não, tem por obrigação instruir o telespectador ou o leitor a respeito do funcionamento da matéria de que trata. Deixar-se levar pela paixão em nada contribui com a qualidade da informação, seja no caderno de esportes, política ou economia”.

A falta de informação e a passionalidade não são as únicas causas apontadas para falta de credibilidade de especialistas que atuam como comentaristas.

O Código de Ética dos Jornalistas é enfático: "O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo". Deve-se evitar promover a imprensa marrom, ou seja, o sensacionalismo.

Para Tiago Figueiró (2008) “não bastasse a pecha de palpiteiros, muitos jornalistas esportivos parecem não temer a possibilidade de serem taxados de integrantes das imprensas rosa e marrom. Grande parte desses profissionais lança mão do sensacionalismo – tipo de postura editorial adotada regular ou esporadicamente, caracterizada pelo exagero, pelo apelo emotivo e pelo uso de imagens fortes – na cobertura dos fatos jornalísticos”.

O futebolês na linguagem jornalística

A linguagem própria do futebol desenvolveu-se a tal ponto que é hoje comum falar-se de futebolês. Jogadores, treinadores, dirigentes, árbitros, comentarista, narradores de rádio, de televisão e jornalistas da imprensa esportiva criaram um conjunto de termos muito próprio, apoiados em metáforas muitas vezes forçadas e sem sentido, para explicarem o óbvio. De tantas vezes repetidas, as expressões acabam por entrar no vocabulário não só de torcedores como da população em geral. Grande parte dessa disseminação do futebolês a grande massa se deve a figura de ex-atletas que assumiram a função de comentaristas em grandes canais de TV. Esses profissionais foram os grandes responsáveis por levarem a linguagem utilizada pelos atletas para fora das quadras e gramados. É comum vermos o vocabulário esportivo, sendo utilizados por profissionais de outras editorias para tentar explicar alguma informação.

Porém é necessário ter cuidado com a utilização irrestrita deste tipo de vocabulário, para que a mensagem não perca a credibilidade e acabe perdendo a qualidade ou o sentido. Segundo artigo publicado por Britos e Andrade:

Não é exagero dizer que se trata do principal entretenimento do povo brasileiro, além de ser cada vez mais um produto que dialoga diretamente com áreas vitais da sociedade, como a economia, a política e a educação. Por essas razões, é indispensável tratá-lo jornalisticamente, com a mesma seriedade dispensada a outras editorias, que tendem a não dar espaço de opinião para palpiteiros mal informados. Um caminho para o jornalismo esportivo ser levado a sério é a aposta em profissionais competentes para emitir opinião com qualidade e em bom português. Não havendo este tipo de profissional, quem perde é o público,

que não pode cobrar qualidade de quem não está preparado para oferecê-la (Britos & Andrade, 2008).

Para Brittos e Andrade é necessário ter mais que o conhecimento empírico do assunto tratado, no caso o futebol, é necessário um domínio de linguagem para contextualizar a informação, fato incomum quando o assunto não é tratado por jornalistas.

[...] em qualquer área de cobertura midiática especializada, tecer um comentário requer mais do que conhecimento empírico do assunto tratado. É necessário o constante exercício de atualização, capacidade de contextualização e irrestrito domínio de linguagem. No caso do jornalismo esportivo, é preciso ir além do bê-á-bá específico do assunto – ou o *futebolês* –, que pode funcionar dentro do vestiário, mas numa transmissão jornalística ofende o ouvido dos espectadores (Britos & Andrade, 2008).

Ainda segundo os autores, é cada vez mais comum ver ex-jogadores de futebol ganhando espaço comentaristas nas transmissões esportivas. Com o advento do pay-per-view no Campeonato Brasileiro, em 1995, e o aumento das transmissões esportivas regionais, os ex-atletas comentaristas vivem hoje seu apogeu quantitativo deste ramo. Porém a participação cada vez mais constante destes faz com que a qualidade caia cada vez mais, pois os ex-ídolos do esporte muitas vezes não demonstram com palavras e ideias a mesma intimidade que tinham com a bola.

É inegável que a voz do ex-atleta aumenta a credibilidade de uma transmissão, por se tratar justamente de alguém com vivências específicas, que faltam ao jornalista, quanto a campo de jogo e meandros do mercado futebolístico. Contudo, a autoridade do formador de opinião não se dá em casos pontuais como estes, mas sim na coerência do discurso, na contextualização da análise e na elucidação objetiva de questões, que o afastem do mero "palpiteiro" (Britos & Andrade, 2008).

Esses são os fatores que consagraram o jornalismo opinativo que, de certa forma, propõe oferecer caminhos para as pessoas que se interessam por determinado tema, no caso o futebol.

As transmissões esportivas, principalmente em canal aberto, têm consagrado a figura do ex-atleta que muitas vezes assumem personagem que se repete nos programas

seguintes. Um sempre é o “bonzinho”, o outro é o “zangado”, outro é “flamenguista” ou “corintiano”. Fingindo que são o que falam.

O jornalista André Plihal, do canal de TV a cabo especializado em esportes, ESPN, em entrevista concedida para dissertação de mestrado de Patrícia Rangel, afirma que existem personagens, alguns mais estereotipados, mas cabe ao público julgar a qualidade da notícia e de que forma ele é transmitida.

Aqui na ESPN não existe. O cara gosta de ver o cara que é mais bitolado em números, o cara que é mais explosivo, o saudosista, o anti-saudosista. Eu acho que faz parte e todo mundo gosta de ver. E eu acho que às vezes acaba havendo a personificação e não acho que isso seja ruim não. Acho que é até interessante. Plihal acredita que estes jornalistas que agem como artistas, são mais estereotipados para alavancar a audiência e que a prioridade nestes casos não é o jornalismo e sim os números. Às vezes são mais artistas, em outros casos mais jornalistas. Eu não gosto de criticar pessoas que têm a mesma profissão que eu. Porque assim, acho que quem tem que julgar se é legal, se não é, se é correto ou não é, é a pessoa que está em casa. É a pessoa que está recebendo a informação (Rangel, 2008).

O campo da comunicação é um constante espaço repleto de questões que são discutidas e que resultam em diversas teorias e análises como, por exemplo, a busca pela objetividade, pela imparcialidade jornalística, o risco do uso de jargões, as questões éticas, entre outras.

O uso de jargões específicos no futebol é muito frequente, tanto nas transmissões televisivas, quanto nos comentários daqueles que trabalham analisando jogos. São expressões distintas, que variam de região para região, e que se tornaram ao longo dos anos termos familiares para aqueles que acompanham o futebol. Por exemplo, se os dois especialistas da mesa-redonda perguntam a um sujeito leigo, se ele acha que determinado jogador é um açougueiro? O sujeito pensaria que estava sendo vítima de alguma piada, e responderia que não. Isso porque ele não sabe que a expressão açougueiro, é um adjetivo derivado ao jogador que é violento, desleal. Assim acontece quando se diz que um jogador é “perna-de-pau”, ou tem “ginga”, ou o centroavante é “matador”, ou determinado goleiro é “frangueiro”.

O uso de jargões de futebol acabou implantado no vocabulário daqueles que acompanham as coberturas esportivas. Para aqueles que convivem com o futebol, estas expressões tornaram-se normais, ao ponto do receptor incorporar em seu próprio linguajar.

História do jornalismo esportivo no Brasil

Segundo COELHO (2004) o esporte ganhou espaço pela primeira vez na imprensa no ano de 1910 nas páginas do jornal *Fanfulla*. Através de relatos que chegavam a ocupar páginas inteiras com resumos detalhados dos jogos de times amadores. Não se tratava de um jornal de elite, mas atingia em cheio os imigrantes italianos, cada vez mais numerosos em São Paulo. Em uma de suas edições chegou a convocar os leitores a fundar um time de futebol, assim nascia o Palestra Itália, que mais tarde se tornou o Palmeiras.

O jornal *Fanfulla* ainda não apresentava o que conhecemos hoje por jornalismo esportivo, eram na verdade relatos e informações esportivas. Porém é nas páginas do *Fanfulla* que se registraram todas as informações históricas do esporte no país. Desde o surgimento do futebol no Flamengo, a primeira cesta ou o primeiro saque, tudo foi registrado nas páginas do *Fanfulla*. Somente partir de 1922 é que os jornais começam a dar destaque para o futebol no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro.

Em 1926 Mário Filho, irmão mais velho de Nelson Rodrigues, começa trabalhar como jornalista esportivo no jornal *A Manhã* de propriedade de seu pai. Somente em 1936 é que ele viria a fundar o *Jornal dos Sports* primeiro jornal esportivo do país. Porém, foi somente com a conquista do primeiro título mundial pela seleção brasileira em 1958, que os grandes jornais do país, começaram a dedicar espaço ao futebol em suas edições.

A base das publicações era as crônicas esportivas, narrativas cheias de emoção e descompromissada com a realidade, que mais emocionavam o leitor do que propriamente o informavam. Essa imprecisão diminuiu na década de 70, com a imprensa mais compromissada a relatar a realidade dos fatos, e o surgimento de uma revista segmentada, a *Revista Placar* foi fundamental para isso.

No rádio o jornalismo esportivo surge segundo Dalpiaz (2002) em 19 de julho de 1931, na *Radio Educadora* de São Paulo, com a narração ininterrupta e integral de Nicolau Tuma, do jogo entre São Paulo e Paraná, pelo Campeonato Brasileiro de Futebol.

Os anos 30 ampliam os “pequenos boletins esportivos” em narrações de partidas, pioneiras, precárias, mas carregadas de uma imensa criatividade dos locutores. Nasce, assim, a narração lance por lance, um grande avanço pois

anteriormente as transmissões limitavam-se a indicar o nome do jogador que chutava a bola (Dalpiaz, 2002, p.70).

Na década de 40 já é possível realizar transmissões internacionais. No final dos anos 50 inicia-se a padronização das transmissões parecidas com as que temos hoje. Com a transmissão Copa do Mundo de 1958, começaram a surgir as primeiras equipes esportivas, valorizando comentaristas, repórteres, narradores. Nesse período as jornadas esportivas tornam-se cada vez mais jornalísticas.

Em março de 1999 a Rádio Pampa de Porto Alegre, inovou e criou uma programação essencialmente esportiva, eram 24 horas de esporte no ar. Com o slogan “a número 1 em futebol” a Rádio Pampa tornou-se a primeira emissora a realizar somente transmissões esportivas. Já na televisão a primeira transmissão esportiva foi na TV Tupi em 15 de outubro de 1950, na partida entre São Paulo e Palmeiras, no Pacaembu.

No final dos anos 90 com o *boom* da internet, muitos jornalistas trocam os jornais para atuar em sites com a promessa de melhores salários. A troca do meio impresso pelo digital, no entanto, revelou-se equivocada, a grande maioria dos sites esportivos entram em falência no início dos anos 2000. Esse período também marcou o final dos “nos dourados” do jornalismo esportivo impresso, em 1995 a Revista Placar precisou se limitar a lançar apenas edições especiais, em 2002 a editoria de esportes da Folha de São Paulo contava com apenas 15 pessoas.

Jornalismo esportivo especializado

O esporte não é um assunto fácil de ser tratado, pois envolve muito mais que apenas um jogo, ele requer estudo e acompanhamento constante. O esporte é muito mais que simples diversão, ele envolve diversos aspectos da sociedade como políticos e culturais por exemplo. É através do entendimento completo do que o esporte significa para a sociedade, pode ser a melhor arma para o jornalista esportivo ter seu trabalho reconhecido.

Mesmo tendo uma baixa representatividade no início, o jornalismo esportivo conseguiu alcançar gradualmente mais espaço na mídia televisiva, ocupando hoje horário nobre em todas as grades de programação das emissoras de televisão do país. O futebol é o filão principal dos programas e transmissões esportivas nacionais, um cenário criticado por

Coelho (2003). O autor afirma que faltam profissionais especializados em outras modalidades esportivas, além do mais, demorou-se a perceber a importância de jornalistas especializados em esportes, e que apenas a paixão dos torcedores/ jornalistas não é suficiente para dar relevância a essa modalidade jornalística.

O autor é enfático quanto a necessidade de que cada área tenha um especialista jornalista como comentarista: “*o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo e por vezes e tênis*” (Coelho, 2003, p. 37). A crítica do autor nos permite o entendimento de que um dos motivos que leva as emissoras à contratação de ex-esportistas para atuarem na função de comentaristas especializados, é a falta de jornalistas gabaritados para exercer tal função. Pelo esporte possuir uma grande variedade de modalidades com vocabulários próprios e regras distintas, o jornalismo esportivo vai além do especializado, tornando-se superespecializado.

Por todas essas particularidades é fundamental a especialização do jornalista esportivo, é necessário saber e entender do que está publicando. É por isso que a grande maioria das editorias brasileiras é dividida em Futebol e Outros Esportes, pela dificuldade de um jornalista conseguir conhecer detalhadamente todas as modalidades esportivas. O ideal seria o jornalista então, se superespecializar para evitar que os veículos recorressem a atletas, ex-atletas e técnicos para suprir a falta de jornalistas especializados em determinada modalidade.

Desta maneira chegamos ao nosso propósito de definir jornalismo esportivo como um gênero superespecializado em razão da complexidade existente no tema que trata de refletir nos Instrumentos de Comunicação Coletiva, com o fim de atender uma demanda exigida por uma massa (Alcoba, 1980, p.210).

Segundo Melo (2003), o jornalismo opinativo é um dos núcleos de interesse em que se articula o jornalismo, sendo o outro a informação. Para o autor, daí advém o fato do relato jornalístico ter assumido duas modalidades: a descrição e a versão dos fatos. É aí que surge a figura do comentarista esportivo, da necessidade das pessoas que alguém explique um tema que elas não entendem completamente. Ainda de acordo com Melo (2003) o profissional que deseja desempenhar a função de comentarista deve possuir uma grande bagagem cultural sobre o assunto comentado “*As análises do comentarista devem ter conteúdo, não uma conjuntura de colocações em conexões (...) o conhecimento total do assunto dará ao profissional credibilidade junto aos receptores*”.

Marques de Melo (2003) esclarece também que quem analisa os fatos não deve ser partidário, não significando que seja neutro, apenas sugere que apresente a opinião sem que esta esteja ligada a vantagens posteriores.

Especificamente sobre o comentário esportivo Marques de Melo (2003) entende que ele é imprescindível nas transmissões, para que o receptor que não é acompanhante assíduo do esporte entenda o que está acontecendo. O jornalista esportivo deve ter conhecimento para agregar valores táticos com conceitos e técnicas de acordo com a cultura brasileira.

É necessário, portanto, que se entenda futebol, por exemplo, como um todo, com conhecimento de dados estatísticos, táticos, políticos, históricos e culturais. De posse de todos esses conhecimentos a responsabilidade do profissional aumenta, pois todo comentário causa repercussões positivas ou negativas. Por isso apresentar opinião não significa possuir a verdade absoluta dos fatos.

Para Vilas Boas (2005) a imprensa deveria apresentar a melhor versão possível dos fatos e não querer ser dona da verdade absoluta, porém “ (...) a imprensa adora o Manual de verdade Indiscutíveis e Supremas da Redação. Em especial nossa raça futebolística. Desconfie de quem diz a grande verdade é que...” Esse é um baita de um enorme de um grande mentiroso (Vilas Boas, 2005, pág.14).

A crítica do autor é quanto a postura dos especialistas que embasam seus comentários em palpites, fato extremamente arriscado se tratando de algo tão imprevisível quanto o resultado de uma partida de futebol. Segundo Vilas Boas (2005) o jornalista que se arrisca a palpar que um time ganhará de outro, corre o risco de ter sua credibilidade ameaçada, sendo taxado de estúpido, desinformado e arrogante. O autor apresenta outra crítica em relação aos especialistas. Para ele os comentários estão repletos do que ele chama de ladainhas. Frases feitas e bordões futebolísticos tornaram-se corriqueiros no vocabulário dos comentaristas. “Falta pegada, o grupo está unido, falta atitude em campo”, frases simplistas e com pouca profundidade como estas, segundo o autor indicam que qualquer bípede pode ser comentarista no Brasil.

O fato de o esporte possuir um número grande de aficionados que entendem muito do assunto, aumenta ainda mais a responsabilidade do jornalista esportivo, que tem de se aprofundar ainda mais para demonstrar mais conhecimento, pois qualquer erro será notado pelos fãs do esporte, desqualificando seu trabalho. Os leitores são mais que simples

torcedores, eles gostam do assunto e querem saber mais a fundo sobre Fórmula 1 por exemplo: *“O leitor, quase sempre, é mais que um simples torcedor e espera dos jornais mais informações sobre treinamentos, detalhes tecnológicos e incidentes nas corridas que, anos atrás, eram de interesse de alguns poucos maníacos”*. (Muniz, 1991, p. 10).

O jornalista esportivo tem de saber conviver com a pressão, pois escrever sobre esportes, é lidar com algo não tão inflamado nas outras editorias: a paixão. Alias, esse sentimento não é uma exclusividade do torcedor, às vezes, é também do próprio jornalista que escolheu essa profissão justamente por ser um torcedor e apaixonado pelo esporte. Segundo COELHO (2004) essa paixão nunca deve ser esquecida pelos jornalistas para que continuem com o interesse pela notícia.

“E muitos jornalistas perdem a paixão sem perceber. Culpam o futebol de hoje, comparando-o com o passado, sem a medida correta de comparação. O que você vê aos 10, 10 anos vê com olhos apaixonados. O que analisa com 40 o faz com senso crítico. (...) o menino de 10 anos que você foi mente para o homem de 40 anos que você se tornou. Mente porque analisa sem o mesmo senso crítico (Coelho, 2009).

Jornalismo esportivo na TV

Embora não tenha a mesma agilidade do rádio, a televisão conta com um recurso extremamente atraente, a imagem. A televisão consegue através da imagem e seus recursos técnicos produzir impacto na população, espetacularizando a ação, portanto é indispensável que o jornalista saiba como utilizar todos esse recursos para que possa proporcionar ao telespectador tudo que o veículo pode oferecer. Justamente por trabalhar com a imagem, é que a televisão, tem recorrido constantemente a utilização de ex-atletas na função de comentaristas, por ser mais atrativos junto ao público. Os ex-atletas, chamados de especialistas tem sido o fator principal dessa espetacularização do esporte que TV busca.

Além disso, segundo Camargo (2005), percebeu-se uma mudança na televisão durante a década de 90. Com o advento da TV fechada, seja a cabo ou por satélite, as emissoras incorporaram em sua grade de programação, diversos programas esportivos especializados em vários esportes, o que ampliou o mercados de comunicadores especialistas. Hoje de acordo com as grades de programação das Tv's abertas, os programas esportivos têm cerca de duas horas diárias de espaço diariamente de segunda a sexta. Nos finais de semana o número de horas dedicadas aos programas esportivos chega a dobrar com a transmissão de jogos dos campeonatos estaduais ou nacionais. Um fato

curioso se compararmos a importância dedicada a outras editorias durante a semana. O jornalismo político, cultural e econômico, têm grande destaque semanalmente nos jornais, porém aos finais de semana eles “somem” da grade de programação se comparado ao número de horas dedicadas ao esporte.

A Rede Bandeirantes em sua programação nacional dedica semanalmente uma média de duas horas e meia (2h30min) horas diárias ao jornalismo esportivo entre programas esportivos e transmissões de campeonatos internacionais, de acordo com sua grade de programação. Já nos finais de semana esse número sobe para três horas e quinze minutos (3h15min) no sábado, e cerca de oito horas (8h) no domingo. No número de horas dedicadas ao esporte no final de semana incluem-se as transmissões de jogos dos Campeonatos Brasileiros séries A e B. O tempo dedicado ao jornalismo, incluindo todas as demais editorias é de cerca três horas e cinquenta (3h50min). Nos sábados o tempo cai para apenas uma hora (1h). O mesmo tempo é dedicado aos domingos.

Já a ESPN Brasil, canal transmitido em TV fechada, e segmentada ao público que gosta de esportes, possui vinte e quatro horas (24h) diárias de programação esportiva. A programação inclui mesas de debate (mesas redondas) noticiários esportivos e transmissões nacionais e internacionais de todas as modalidades esportivas.

Programação esportiva na TV aberta

Na TV Bandeirantes os principais programas esportivos são o Lance Aberto comandado pela apresentadora Renata Fan, e o Terceiro Tempo apresentado por Milton Neves. O Programa Lance Aberto é descrito da seguinte maneira pela site da emissora:

O Jogo Aberto é um programa de notícias e debates dedicado principalmente ao futebol e onde predominam discussões acaloradas. Cada lance é debatido com as opiniões de craques conhecidos da torcida como Neto, Denílson e Edmundo, além de especialistas no esporte como Dr. Osmar, Mauro Beting e Ulisses Costa. Se tudo isso junto já é bom, imagine então como fica a mistura acrescentando-se no comando do programa uma bela mulher que sabe tudo de futebol. Renata Fan é a primeira mulher a comandar um programa de futebol. Ela reúne o talento de uma grande apresentadora com o know how específico do futebol, duas qualidades raras mesmo nos homens. Com quase duas horas de duração, o programa esportivo faz um mergulho no mundo do futebol com notícias dos clubes, melhores momentos das partidas, os gols da rodada e, claro, muito debate entre os comentaristas. Como cada um deles têm características bem diferentes, as discussões são sempre apimentadas e divertidas já que o humor está sempre presente (Site TV Bandeirantes).

O programa conduzido pela apresentadora Renata Fan é baseado em declarações polêmicas e apaixonadas dos ex-atletas que participam da atração. Os comentaristas dedicam-se exclusivamente a tecer comentários sobre os clubes que defenderam e possuem alguma identificação. Fato que torna seus comentários visivelmente parciais. Em diversas situações em que divulgaram alguma notícia foram desmentidos por dirigentes e jogadores. Fato que acontecem geralmente pela falta de “checagem” das informações que se propõe a passar.

O programa Terceiro Tempo, da mesma emissora, apresentado por Milton Neves, segue a mesma linha editorial do lance Aberto. Os mesmos comentaristas que atuam no programa descrito anteriormente, também fazem parte do quadro de comentaristas de Milton Neves. Um fato bastante particular do programa Terceiro Tempo é o excesso de merchandisings inseridos no programa. O uso excessivo de publicidade “rouba” muito tempo do programa, impedindo que o mesmo se aprofunde jornalisticamente dos assuntos esportivos.

O programa Lance Aberto comandado por Renata Fan vai ao ar de segunda a sexta-feira às 11h15min(Brasília). Já o Terceiro tempo apresentado por Milton Neves é apresentado aos finais de semana, sendo que no sábado possui 1hora de duração, e no domingo 2h15 min.

Programação esportiva na TV fechada

O canal por assinatura ESPN Brasil possui programação segmentada e voltada exclusivamente ao esporte. Além de transmissões ao vivo das mais variadas modalidades esportivas, sua grade programação inclui “mesas redondas” ao vivo compostas por jornalistas especializados em esportes, entrevistas com profissionais do esporte, documentários que envolvam o mundo esportivo e etc.

Além disso, jornalistas especialistas na área esportiva, como Paulo Vinicius carvalho, Juca Kifuri, Antero Greco, Paulo Calçade e outros ajudam a transmitir credibilidade aos telespectadores. Os jornalistas evitam basear suas opiniões em polêmicas ou informações mal “checadas”.

Apesar de o esporte possuir uma linguagem universal de fácil compreensão, a linguagem utilizada nas opiniões dos jornalistas que atuam nos programas, são claramente voltadas a um público das classes A e B. Outro diferencial do canal é a grande interatividade com os telespectadores, através de e-mails, mensagens nos site da emissora e Twitter.

O principal programa esportivo na ESPN Brasil é o Bate-Bola. O programa que possui 2 horas de duração é uma mesa redonda onde são discutidos os jogos da rodada, dos campeonatos nacionais e internacionais e as principais notícias esportivas do dia. O programa é composto exclusivamente por jornalistas especialistas com diversos livros publicados na área. O programa é ao vivo e vai ao ar todos os dias da semana em duas edições. A primeira edição acontece às 12h30min (Brasília) e segunda às 18h30 min (Brasília).

Bibliografia

BARBEIRO, Heródoto, *Manual do jornalismo esportivo*, Ed. Contexto, 2006.

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.

BUCCI, Eugênio: *O Brasil em tempo de TV* –SP- 1997.

COELHO, Paulo Vinícius Coelho, *Jornalismo Esportivo*, 2ªed São Paulo, Contexto 2004.

BRITTOS, Valério Cruz; ANDRADE, Andrei *O futebolês que trava o jornalismo esportivo*, em www.observatoriodaimprensa.com.br, 10/05/2011.

DALPIAZ, Jamile Gamba. *O Futebol no Rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)* Porto Alegre, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DA SILVA, Edilson Luiz - artigo publicado em 18/8/2009 *Até onde a mídia pode ser responsabilizada* - em www.observatoriodaimprensa.com.br- em 08/05/2013.

EDERSON, Tiago Felipe Alves, Futebol e Opinião: **O papel dos comentaristas esportivos nos programas Bola na Rede e Terceiro Tempo.** (TCC 2009).

FIGUEIRÓ Tiago, *O marron e o Rosa no jornalismo esportivo* (13/08/2008 - www.observatorio.daimprensa.com.br).

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, Ed. Atlas, SP, 1989.

KONCZICK Michael, *Conceitos de Jornalismo*. Ed. Norte e Sul, SP, 2002.

LINHARES, Marcos, *Nos bastidores do jornalismo esportivo*, São Paulo: Ed. Celibris, 2006.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo Brasileiro*. Editora Sulina, 2003.

MUNIZ, Almir *Os donos da Bola. Revista de Comunicação*. Rio de Janeiro vol.7, n.25, p. 8-11, jun 2001.

REDE BANDEIRANTES DE TELEVISÃO. Site www.bandeirantes.com.br. Acesso em 08/05/2013.

RIBEIRO A. Paula, SACRAMENTO Igor, ROXO Marco. *A história da televisão no Brasil*, São Paulo, Reis, 2010.

VILAS BOAS, Sérgio. **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo, Summus, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, 8ª ed., São Paulo: Ática, 1999.